

Fernando Rosseto Gallego Campos

Professor do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) - Campus Chapecó,
Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal
da Fronteira Sul (UFFS) - Chapecó/Erechim
fernando.campos@ifsc.edu.br

Análise do discurso dos atores socioespaciais do futebol amazonense a partir de epistemologias do *terceiro espaço*

Resumo

Manaus é a maior metrópole brasileira sem clubes nas duas principais divisões nacionais. Neste contexto, o objetivo deste artigo é analisar os discursos *sobre* o espaço e os discursos *do* espaço de atores socioespaciais do (*Terceiro*) espaço do futebol do Amazonas. Foram entrevistados quatro dirigentes e um treinador de diferentes clubes. As entrevistas foram analisadas a partir da Análise do Discurso. Na formação discursiva destacam-se aspectos, como: dificuldades financeiras, desvalorização do futebol local pela mídia e pelos torcedores (e grande identificação com clubes cariocas) e dificuldades esportivas e logísticas atribuídas por justamente estarem em Manaus/Amazonas (localização e isolamento). Os discursos revelaram dificuldade de os entrevistados agirem *sobre* o espaço (concebido), sendo fundamentalmente *do* espaço, portanto com fortes carga simbólica e dimensão territorial.

Palavras-chave: Geografia Cultural, Geografia Social, Espacialidade, Espaços de representação, Manaus.

Abstract

DISCOURSE ANALYSIS OF SOCIOSPATIAL ACTORS OF AMAZONAS' FOOTBALL FROM *THIRDS*SPACE EPISTEMOLOGIES

Manaus is the largest Brazilian metropolis without clubs on the two main football national divisions. In this context, this article aims at analysing the *Amazonas* football (*Third*) space sociospatial actors' discourses *on* space and *of* space. Four

managers and a coach from different clubs were interviewed. The interviews were analysed with Discourse Analysis. The highlighted aspects in the discursive formation are: financial difficulties, devaluation of local football by the media and the fans (and big identification with Rio de Janeiro clubs) and sports and logistical difficulties attributed to being in Manaus/Amazonas (location and isolation). The discourses have revealed interviewers difficulties to act *on* space (conceived). Thus the discourses are fundamentally *of* space, therefore with strong symbolic load and strong territorial dimension.

Key-words: Cultural Geography, Social Geography, Spatiality, Representational spaces, Manaus.

1. Introdução

O futebol é um importante elemento na produção do espaço social das cidades brasileiras. Estudos inclusive apontam relações entre hierarquia urbana e hierarquia futebolística (ver THÉRY, 2006; GALLEGO CAMPOS, 2020). Em uma análise rápida, é possível perceber que os maiores clubes brasileiros e aqueles que possuem melhores resultados nacionais e internacionais estão sediados nas metrópoles (IBGE, 2008; IBGE, 2020). As exceções são Santos e, em menor medida, Chapecó (capitais regionais). Entretanto, também é possível identificar que, mesmo sendo metrópoles, algumas cidades possuem pouco destaque na hierarquia do futebol brasileiro. Se considerarmos a publicação Região de Influência das Cidades (Regic) 2007, das doze metrópoles, apenas Manaus não possuía clubes nas Séries A ou B do Campeonato Brasileiro na época do levantamento (IBGE, 2008). Já dentre as quinze¹ metrópoles apontadas pelo Regic 2020, além de Manaus, apenas Vitória não possui representantes nas principais divisões do futebol nacional. Porém, o caso de Manaus chama atenção também pelo tamanho demográfico, sendo o 7º município e a sede da 11ª região metropolitana mais populosos do país.

Nas últimas três décadas o resultado mais expressivo do futebol amazense foram as sete temporadas seguidas do São Raimundo EC na Série B do Campeonato Brasileiro (2000-2006). No entanto, depois da queda, o clube entrou em uma crise financeira e não conseguiu se reestruturar. Entre 2007 (ano do primeiro Regic analisado) e 2020 (ano da publicação do Regic mais recente), a situação do futebol manauara pouco mudou. O

resultado mais expressivo foi o vice-campeonato na Série D de 2019 do Manaus FC (fundado em 2013). Os clubes mais tradicionais de Manaus – Nacional FC e A Rio Negro C – que frequentaram a Série A do Campeonato Brasileiro nas décadas de 1960 a 1980² perderam força tanto no cenário nacional³ quanto no estadual.

Mesmo assim, o futebol continua sendo um importante elemento cultural e de construção de socialidade, historicidade e, especialmente, espacialidade em Manaus (e no Amazonas). Na perspectiva de Soja (1996), podemos analisar as relações espaciais do futebol do Amazonas a partir de epistemologias do Terceiro Espaço ou mesmo pensar, a partir de um universo simbólico, em um (*Terceiro*) espaço do futebol do Amazonas, o qual continua fazendo parte da vida cotidiana dos manauaras. Então, como explicar este insucesso esportivo? Ele teria relação com a produção do espaço (LEFEBVRE, 2013) manauara/amazonense/amazônico e com a produção do espaço de representação do futebol brasileiro? É complexo se chegar a uma resposta definitiva, mas a ciência geográfica pode contribuir fornecendo reflexões. Uma das maneiras de se compreender este processo é através das representações que os próprios atores socioespaciais envolvidos produzem sobre o futebol amazonense, através de discursos. Estes discursos *sobre o e do* espaço (SHIELDS, 1999) são capazes de revelar aspectos relevantes sobre a produção do espaço manauara/amazonense, especificamente no que tange o universo simbólico do futebol. Desta forma, o objetivo deste artigo é analisar os discursos *sobre* o espaço e os discursos *do* espaço de atores socioespaciais do (*Terceiro*) espaço do futebol do Amazonas.

2. (*Terceiro*) espaço do futebol

Partimos da leitura *lefebvriana* da produção do espaço, na qual o autor propõe a tríade espacial: práticas espaciais, representações do espaço e espaços de representação (LEFEBVRE, 2013). Enquanto as práticas espaciais estão relacionadas às relações de produção e reprodução (LEFEBVRE, 2013), que se materializam em uma vida cotidiana alienada e irrefletida (LEFEBVRE, 2008), e as representações do espaço às relações de produção

e à imposição de uma ordem e de relações frontais (em relação à vida cotidiana) (LEFEBVRE, 2013), os espaços de representação são o “espaço vivido” que “recobre o espaço físico utilizando simbolicamente seus objetos” (LEFEBVRE, 2013, p. 98, tradução nossa), mas que têm uma dimensão subterrânea. Desta forma, Lefebvre (2013) atribui a este terceiro termo de sua tríade espacial não necessariamente uma síntese das outras duas instâncias, mas sim um caráter de rompimento, de negação das representações do espaço, em busca de uma vida plenamente vivida, de paixão e de ação calcadas em um universo simbólico (LEFEBVRE, 2013).

A partir da leitura de Lefebvre, Soja (1996) apresenta as epistemologias do Primeiro, Segundo e Terceiro Espaços. As epistemologias do Primeiro Espaço são aquelas que “dominaram a acumulação do conhecimento espacial por séculos” (SOJA, 1996, p. 74, tradução nossa), referindo-se à instância das práticas espaciais (LEFEBVRE, 2013), ou seja, a “uma espacialidade ‘física’ material e materializada que é diretamente compreendida em *configurações* empiricamente mensuráveis” (SOJA, 1996, p. 74, tradução nossa, grifo do autor). Em suma, referem-se às questões objetivas e materiais do espaço, apreendidas pela aparência da superfície e por processos exógenos (SOJA, 1996). Já as epistemologias do Segundo Espaço privilegiam o concebido em relação ao percebido (ou seja, na tríade *lefebvriana*, as representações do espaço em relação às práticas espaciais) e as abstrações e a subjetividade em relação à materialidade e à objetividade (SOJA, 1996). “O Segundo Espaço é inteiramente ideacional, constituído de projeções no mundo empírico a partir de geografias concebidas ou imaginadas” dado que o “conhecimento espacial é produzido apesar das representações do espaço discursivamente concebidas” (SOJA, 1996, p. 79, tradução nossa). No entanto, o autor também chama atenção que tais epistemologias não rompem totalmente com as do Primeiro Espaço, pois suas fronteiras são borradas.

Por sua vez, as epistemologias do Terceiro Espaço, fazem parte de concepções do “terceiro-como-Outro” (SOJA, 1996, p. 81, tradução nossa), que desconstróem e reconstróem a dualidade Primeiro-Segundo Espaços, “revigorando suas aproximações do conhecimento espacial com novas possibilidades até então impensadas nas tradicionais disciplinas espaciais” (SOJA, 1996, p. 81, tradução nossa). Deste modo, estas epistemologias

“radicalmente abertas” (SOJA, 1996, p. 82, tradução nossa) – que se enquadram na dialética ontológica Espacialidade-Historicidade-Socialidade – e que incluem (e privilegiam) os espaços de representação *lefebvrianos*, portanto, aspectos simbólicos, permitem novas possibilidades de abordagens espaciais, bem como a apreensão de *novos* objetos, como o futebol (e seu universo simbólico).

Nesta perspectiva, podemos falar em um (*Terceiro*) espaço do futebol (diretamente ligado a espaço social em sentido *lato*), no qual as relações se dão de forma objetiva e material, mas também de forma subjetiva e simbólica. A partir da apropriação deste universo simbólico, são construídas (multi)territorialidades (HAESBAERT, 2004). O discurso é, ao mesmo tempo, uma destas formas de apropriação – pois tanto toma para si elementos que embasam este espaço do futebol, tais como símbolos, mitos e estruturações identitárias, quanto se referem aos atores socioespaciais que o produzem – e uma de suas mais poderosas representações – pois preenche a ausência (LEFEVBRE, 2006) com efeitos de sentido (PÊCHEUX, 1997; 2006), os quais ajudam a construir tanto novos discursos *do e sobre* o espaço (SHIELDS, 1999) quanto influenciam nos demais elementos simbólicos deste espaço do futebol.

3. Espaço do futebol amazonense

O estado do Amazonas não se enquadra entre os principais centros do futebol brasileiro. O futebol amazonense enfrenta problemas dentro e fora de campo para competir com os estados do Centro-Sul e mesmo do Nordeste, não conseguindo figurar nas duas principais divisões nacionais desde 2006. No ranking da CBF, que leva em consideração os resultados dos clubes em competições nacionais, o Amazonas aparecia na 18^a colocação, em 2008 (segundo melhor do Norte, atrás do Pará)⁴, e na 20^a, em 2020 (atrás do Pará e do Acre)⁵. Em termos clubísticos, em 2008, o mais bem colocado era o Nacional, na 57^a posição, seguido por São Raimundo (71^o colocado) e Rio Negro (73^o)⁶. Em 2020, o clube com melhor colocação é o Manaus (89^o), seguido pelo Fast Club (111^o) e pelo Nacional (116^o) (o Rio Negro sequer aparece no ranking de 2020)⁷.

Em escala estadual, o Nacional continua competitivo (quatro títulos estaduais e quatro vice campeonatos entre 2007 e 2020). O mesmo não acontece com outros clubes que já tiveram bons resultados no estado. O Rio Negro, neste mesmo período, teve como o melhor resultado um quarto lugar no Campeonato Amazonense (desde 2007, foram três temporadas na segunda divisão estadual); e o São Raimundo, clube com os melhores resultados nacionais na década de 2000, conseguiu apenas quatro quartas colocações desde que foi rebaixado da Série B do Campeonato Brasileiro (ainda, em 2017 e 2019 jogou a segunda divisão estadual). Este cenário permitiu a emergência de outros clubes no estado, como o Holanda, de Rio Preto da Eva (campeão Amazonense em 2008); o Penarol, de Itacoatiara (bicampeão 2010-2011); o Princesa, de Manacapuru (campeão de 2013); e, mais recentemente, o Manaus (tricampeão 2017-2019).

Tais mudanças esportivas influenciam no processo de estruturações identitárias futebolísticas. Pesquisas nacionais de torcida já indicavam que no Amazonas a maior torcida era a do Flamengo, seguido por outros clubes cariocas e paulistas⁹. Esta situação permanece atualmente. Em pesquisa realizada em 2017, o Flamengo aparece como maior torcida e os times manauaras foram citados apenas por menos de 1% dos entrevistados⁹. Já uma pesquisa realizada em 2015 revela hegemonia flamenguista (45,8%), mas também que 6,4% dos entrevistados responderam torcer por um clube amazonense (destaque para o Nacional, com 4,1%)¹⁰. Mesmo com um número consideravelmente maior de torcedores de clubes amazonenses do que na pesquisa de 2017, os dados mostram uma porcentagem baixa de torcedores de clubes locais (sobretudo comparando com o cenário de outras metrópoles), o que provavelmente está ligado ao insucesso esportivo dos clubes amazonenses em escala nacional, além de descontinuidade na hierarquia futebolística estadual (crise esportiva e financeira de Rio Negro e São Raimundo).

As permanências e mudanças brevemente apresentadas são capazes de consolidar representações, mas também de gerar mudanças no universo simbólico do futebol amazonense, as quais podem ser reveladas (no caso das mudanças, pelo menos em sua gênese) nos discursos analisados a seguir.

4. Metodologia

Para a apreensão do (*Terceiro*) espaço do futebol do Amazonas, foi realizada uma pesquisa de campo em duas etapas. A primeira delas ocorreu entre junho e julho de 2007, através de uma viagem de estudo promovida por uma parceria entre a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a de Rondônia (UNIR). A segunda aconteceu em setembro de 2008, na ocasião da abertura e da primeira semana do XXXVI Campeonato de Peladas do Amazonas (Peladão). Nestas duas etapas gravamos entrevistas abertas com cinco representativos atores socioespaciais do futebol amazonense.

Optamos por entrevistas presenciais e não estruturadas, que permitem maior liberdade de expressão do entrevistado, bem como favorecem o surgimento e o aprofundamento de assuntos relevantes levantados durante a entrevista (MAY, 2004). As entrevistas não-estruturadas demandam critério qualitativo na escolha dos entrevistados. Desta forma, procuramos abranger dirigentes de diferentes clubes (foram entrevistados quatro dirigentes de três clubes diferentes), além de um treinador que atuou em diversos clubes do estado. Todos os depoimentos foram gravados, tendo durações e locais de colhimento variáveis (apesar de todas as entrevistas terem sido feitas em Manaus).

Para a análise destas entrevistas, utilizamos os procedimentos da escola francesa de Análise do Discurso (ORLANDI, 1983; MAINGUENEAU, 1989; BOURDIEU, 1996; PÊCHEUX, 1997; 2006; FOUCAULT, 2007a; 2007b;). Os discursos analisados indicam panoramas daquele momento em que foram produzidos, mas também podem ser vistos como indicativos de processos ligados a uma historicidade, a uma socialidade e a uma espacialidade, na dialética proposta por Soja (1996).

Ademais, Lefebvre (2013) indica a importância da abordagem regressiva-progressiva para se compreender a produção do espaço, ou seja, de se compreender o presente (que, neste caso, pouco mudou) pelo passado e o passado através do presente. Tais formulações justificam nosso recorte de análise, pois partiremos de discursos proferidos justamente no momento em que a crise do futebol amazonense começava a se evidenciar (já que as primeiras entrevistas foram realizadas justamente no ano em que começava o maior período de clubes amazonenses fora das duas principais divisões do futebol brasileiro).

4.1 *Participantes*

Os clubes mais tradicionais do futebol amazonense são o Nacional e o Rio Negro, sendo esta a maior rivalidade histórica. Entretanto, os maus resultados do Rio Negro, bem como a emergência de outros clubes, como o São Raimundo, o Holanda e, mais atualmente, do Manaus, favoreceram a redefinição do (*Terceiro*) espaço do futebol amazonense. No período das entrevistas, a rivalidade entre Nacional e São Raimundo chegou até os bastidores, o que pode ser exemplificado pelas histórias de dois de nossos entrevistados: Manoel do Carmo Chaves Neto, conhecido como Maneca, e Ivan Guimarães. Maneca começou sua carreira como jogador no Nacional, clube do qual, posteriormente, se tornou dirigente, colecionando diversos títulos. Então, deixou o Nacional e foi para o São Raimundo, clube que tinha menor expressão no futebol estadual. Em sua ida para o São Raimundo, Maneca levou seu companheiro de diretoria e ex-radialista Ivan Guimarães. Juntos reativaram o futebol profissional do São Raimundo, venceram vários títulos estaduais e regionais, bem como levaram o clube para a Série B do Campeonato Brasileiro, na qual permaneceu por sete anos, até 2006. Antes disto, Maneca saiu do São Raimundo e, tempos depois, retornou ao Nacional, na condição de presidente, cargo que ocupava quando foi entrevistado (anos depois ocupou o cargo de Diretor de Futebol). Já Guimarães permaneceu mais tempo no São Raimundo, na função de Diretor de Futebol do Departamento Autônomo, a qual ocupava quando entrevistado. Em 2008, Guimarães retornou ao Nacional, saindo em 2009 para se tornar diretor da Federação Amazonense de Futebol (FAF) (cargo que ainda ocupa). Ambos ingressaram no mundo político. Maneca, professor aposentado da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), foi deputado estadual por quatro vezes seguidas, tendo sido, inclusive, presidente da Câmara e candidato a vice-prefeito nas eleições municipais de 2008. Já Ivan Guimarães não obteve sucesso na tentativa de um cargo no legislativo amazonense, mesmo utilizando o clube e seus símbolos em sua campanha (seu adesivo de campanha era o brasão do São Raimundo com seu nome e número escritos em cima).

Analisaremos também os discursos de José Luiz Carlos da Silva (na época, diretor adjunto das categorias de base do Nacional), Paulo Radin

e Carlos Prata. Radin é um dos fundadores do Holanda (na época, presidente do clube), que com menos de um ano conquistou o Campeonato Amazonense e participou da Série C do Brasileiro. Radin, desde 2003, participa do Peladinho (categoria sub-15 do Peladão) como treinador e dirigente de seu time (Curumim). Atualmente, Radin está afastado do futebol profissional. Prata, quando entrevistado, era treinador do Rio Negro e do CA Martins Vical (amador), tendo passagens por outros clubes profissionais, como o Holanda (pelo qual ganhou o Campeonato Amazonense) e o São Raimundo (campeão em 2006, e para o qual retornou em 2020) e times do Peladão, como o Compensação (no qual foi campeão em 2006).

4.2 *Análise do discurso*

Trabalhamos a partir da perspectiva da escola francesa de Análise do Discurso, de que o discurso transcende a dimensão linguística, sendo mais importantes os efeitos de sentido e a capacidade de refletir nos entremeios. Lançamos mão das formulações de alguns autores, como Pêcheux (1997, 2006), Orlandi (1983), Bourdieu (1996), Foucault (2007a, 2007b) e Maingueneau (1989), relacionando-as com a nossa base teórica calcada em Soja e Lefebvre. Neste contexto, é fundamental conhecer a posição do entrevistado: funções que ocupa no espaço do futebol, sua biografia e anseios; as condições do enunciador de fazer tal discurso e quais são seus enunciatários; além do gênero, da *déixis* e do *ethos* do discurso. Partindo-se desta ideia, as entrevistas demonstram, a partir da subjetividade de cada entrevistado, a maneira como estes atores socioespaciais produzem, modificam e fazem circular representações no universo simbólico do futebol.

O discurso é composto por uma diversidade de efeitos de sentido, de ditos e não-ditos, que se relacionam conforme as condições de formação, ligadas ao processo discursivo (PÊCHEUX, 1997; 2006). Estas condições são influenciadas por alguns fatores: lugar e cena; gêneros de discurso; autoridade; cenografia e *déixis*; além do *ethos* (MAINGUENEAU, 1989). Foucault (2007a) postula acerca da ordem do discurso, dizendo ser este altamente articulado com a configuração social e suas coerções. Desta forma, o discurso não é aleatório, ou seja, pressupõe coerções, relações de poder, enunciatários específicos, entre outros fatores que são, ao mesmo

tempo produtos das relações sociais e produtores destas. Para o autor “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 2007a, p. 37). Assim, o indivíduo – produto do poder – não reúne condições de formular seu próprio discurso, que lhe é praticamente imposto.

Dessa maneira, é possível se falar em uma rede de formulações, preenchidas por regularidades, na qual os sujeitos e as pessoas se inserem (PÊCHEUX, 1997). Estas redes se encontram no interior de formações discursivas (FOUCAULT, 2007b), que pressupõem que os enunciados, em suas diferentes formas, apresentem um conjunto possuidor de certas regularidades. De acordo com a visão de Pêcheux (1997), o discurso apenas se torna dotado de sentido ao pertencer a uma dada formação discursiva. Isto porque os efeitos de sentido não existem independentemente da conjuntura em que estão inseridos, das relações de força inerentes aos processos sócio-históricos.

Não obstante, podemos ir mais longe nesta afirmação e adicionar uma dimensão espacial ao discurso e seus possíveis efeitos de sentido, através da análise da obra de Lefebvre por Shields. Este autor (1999) identifica dois tipos de discursos no que se refere à espacialidade *lefebvriana*: discursos *sobre* o espaço e discursos *do* espaço. O primeiro tipo de discurso está ligado às representações do espaço, de modo a ser expressão de sentidos da enunciação racionalizada dos planejadores e técnicos do espaço. Já o segundo remete aos espaços de representação, de caráter simbólico, sendo produzido pelas experiências plenas da espacialidade, sendo, portanto, expressões legítimas *do* próprio espaço social. Na epistemologia do Terceiro Espaço, estes dois tipos de discurso devem ser considerados, apesar de os discursos *do* espaço terem maior peso na (re)definição dos universos simbólicos.

5. Análise dos discursos sobre o espaço e dos discursos do espaço do futebol amazonense

A cena enunciativa dos cinco discursos analisados é uma simples entrevista com fins acadêmicos. No entanto, tais declarações são constantemente dadas à imprensa, aos torcedores e aos próprios profissionais dos

clubes. Os dirigentes falam como tais e com responsabilidade de que estas entrevistas podem ser divulgadas e chegar aos ouvidos de seu rotineiro público enunciatário: torcedores, profissionais do futebol e mídia. Portanto, falam do lugar de dirigentes, lançando mão de toda uma encenação e de uma subjetividade enunciativa – tornando-se sujeitos de seus discursos e se assujeitando, falando pela instituição (MAINGUENEAU, 1989). O mesmo pode se estender a Carlos Prata.

Podemos afirmar que o discurso dos profissionais do futebol amazonense se enquadra em uma formação discursiva específica, bastante articulada com a dos demais atores socioespaciais do futebol amazonense. Os dirigentes de futebol, sobretudo os de clubes, possuem um discurso bastante característico tanto no Brasil quanto no mundo. Todavia, apesar de ser possível identificar uma formação discursiva, os discursos dos dirigentes sofrem modificações de acordo com uma série de interditos, que variam conforme o contexto. O discurso dos dirigentes de clubes do futebol amazonense ora se aproxima ora se afasta da prática discursiva *comum* dos dirigentes de clubes brasileiros. Assim, cria-se um universo simbólico muito rico no futebol amazonense, sendo o discurso uma de suas principais expressões cuja eficácia pode ser comprovada a partir da perpetuação de alguns dirigentes no comando dos clubes (ou da FAF), tendo apoio inclusive de setores da mídia e de torcedores.

Os discursos estão inseridos no contexto da crise do futebol amazonense e sua dificuldade de competir em alto nível em escala nacional, além da dificuldade dos clubes de Manaus atraírem torcedores (para se identificarem como torcedores e para estes frequentarem jogos). As médias de públicos dos Campeonatos Amazonenses dos últimos anos são baixas, prejudicando o rendimento dos clubes, como afirma Ivan Guimarães:

Falar do futebol do Amazonas é um pouco mais difícil, porque uma capital – como Manaus – que tem hoje mais de dois milhões de habitantes... Era para ter um futebol mais rentável. Estádios com mais gente frequentando. O nosso campeonato é muito deficitário. Para você ter uma ideia, no Campeonato Amazonense deste ano, o São Raimundo só em dois jogos não pagou para jogar, que foi quando jogou no interior, em Itacoatiara e Manacapuru. Os demais jogos, na capital, foram deficitários. Na partida, no lugar de você receber o que sobra da arrecadação, você tem que levar dinheiro no bolso para pagar o que ficou devendo¹¹.

O discurso de Ivan Guimarães apresenta uma incoerência com sua prática, pois se o futebol profissional amazonense é tão deficitário e se ele tem que arcar pessoalmente com as despesas do clube, não faria sentido que ele atuasse como dirigente por tantos anos. Os números apresentados por Ivan Guimarães justificariam seu abandono da carreira de dirigente. Entretanto, não é apenas nos números de torcedores que ficam evidentes os problemas do futebol amazonense. Os clubes passam por dificuldades econômicas como afirma Maneca:

Eu não digo que é mal administrado. É que aqui, no futebol, nós não temos recursos financeiros. Você não pode fazer um futebol profissional eficiente sem dispor de recursos financeiros. Manaus tem o maior parque eletroeletrônico da América Latina, mas nenhuma empresa destas aqui sediadas tem seus diretores aqui. Então não há um vínculo afetivo destas empresas com o futebol do Amazonas. Então não há patrocínio¹².

A formação discursiva dos dirigentes do futebol profissional amazonense formula e reforça representações que o futebol amazonense não é mal administrado, mas que seus problemas financeiros e esportivos se dão pelo contexto no qual está inserido: uma das regiões mais pobres do país; com grande influência esportiva externa, sobretudo carioca; com empresários que não aceitam investir em clubes locais. Outra representação importante reforçada no discurso de Maneca é a de que os vínculos no futebol são fundamentalmente afetivos e que, por não possuir este tipo de vínculo, as empresas sediadas na Zona Franca de Manaus não investem no futebol amazonense (na época, a LG, a Samsung e a Semp Toshiba patrocinavam clubes paulistas). No entanto, no espaço de representação do futebol, os vínculos afetivos se dão, sobretudo, a partir dos torcedores e, em alguns casos, dos profissionais em relação aos clubes (TOLEDO, 2002). As empresas, os patrocinadores ou potenciais patrocinadores estão interessados em vincular a sua marca com clubes que apresentem resultados esportivos e de mercado, ou seja, que exponham positivamente as marcas destas empresas. Portanto, o vínculo afetivo muito pouco interfere em contratos de patrocínio. Estes discursos acabam gerando um efeito de sentido de que a situação está posta e não cabe aos dirigentes tentar mudá-la. Cria-se um conformismo e uma tentativa de justificar os maus resultados esportivos, financeiros e de presença de público através de fatores externos. Isto pode

ser observado principalmente no discurso de Guimarães, quando atribui à situação geográfica de Manaus e da Amazônia as principais dificuldades administrativas e de exposição à mídia do futebol amazonense.

Outro dia mesmo, o [então] Presidente da CBF [Ricardo Teixeira] chegou em Manaus e deu uma declaração, aonde [sic] eu estava presente, que o grande problema dele no futebol brasileiro chama-se Norte do Brasil. Se não existisse o Norte do Brasil, a coisa seria muito diferente. [...]. Você passa daqui pra lá, aí você já facilitou tudo. [...]. Nós aqui estamos ilhados. Nós só temos duas situações para sair e uma não dá para usar, que é o braço, é o nado, porque é muito distante e você não vai conseguir chegar. E a outra é voando, que o custo é muito alto¹³.

Este conformismo em relação aos problemas de acesso e de investimentos, bem como a má administração se reflete nas categorias de base dos clubes do estado, que pouco investem na formação de jogadores. José Luiz Carlos da Silva, diretor adjunto das categorias de base do Nacional (único clube de Manaus, na época, com Centro de Treinamento e que era o maior vencedor nas divisões de base do estado), se queixa da falta de recursos que chegam à formação de jogadores: “a gente depende muito da amizade de alguns diretores para nossos recursos, que recursos públicos estaduais a gente não tem”¹⁴. A precariedade nos investimentos nas categorias de base também se estende ao São Raimundo, como declara Ivan Guimarães: “o que nós fazemos aqui com a base é um paliativo. [...]. Se eu tivesse que fazer uma base, como ela tem que ser feita, então, eu tenho que acabar com o futebol profissional. [...]. Então, a gente continua fazendo dentro do possível. É um amadorismo com muita dificuldade, que a gente faz”¹⁵.

Carlos Prata, que trabalha na formação de jogadores, também justifica o problema das categorias de base com fatores exógenos, especificamente os treinadores que os clubes amazonenses contratam. Segundo ele, estes treinadores não prestigiam jogadores formados no Amazonas, privilegiando aqueles de outras localidades. Nas entrelinhas de suas críticas aos treinadores de fora do estado, está um efeito de sentido de autopromoção de seu trabalho, o que fica evidente quando ele atribui a si próprio a legitimidade de único treinador que prestigia os “pratas da casa” – nome dado a jogadores formados nas categorias de base do próprio clube –, fazendo um trocadilho com o próprio nome:

A gente teve uma decadência muito grande da seguinte maneira: nós trabalhávamos nas categorias de base e quando tinha jogadores prontos para subir, chagavam treinadores de fora e não aproveitavam os jogadores da casa. Geralmente traziam seus jogadores de fora e ficaram grandes jogadores de fora. Grandes craques desistiram, foram para o distrito [industrial], porque não tiveram oportunidade nas mãos dos treinadores que vieram de fora. Em Manaus tem o lema: “No profissionalismo só o Prata que dá oportunidade”, como eles me chamam assim, “a Prata da casa”. O Prata dá oportunidade aos jogadores das divisões de base, onde têm valores dentro do Nacional, dentro do São Raimundo, dentro do Rio Negro, dentro do Atlético Cliper Clube, que tem pouca expressão, mas tem valores de qualidade. A gente sabe disso¹⁶.

Entretanto, Carlos Prata deixa transparecer um *ethos* discursivo – revelado pelo modo de se expressar – demasiadamente otimista ao afirmar que o futebol amazonense é repleto de “craques” e que muitos deles deixaram o futebol porque não foram prestigiados pelos seus treinadores. No *ethos* do discurso, o tom é tão ou mais importante do que aquilo que é dito (MAINGUENEAU, 1989). As interdições no discurso do treinador sugerem que ele defende o trabalho feito nas categorias de base do futebol amazonense, que, segundo Paulo Radin, é inexistente. De seu lugar de dirigente de time do Peladinho e de presidente do Holanda, Radin afirma que somente no Peladinho, especificamente no seu time e no 3B, é feito trabalho de formação: “Quem fazia trabalho de base no futebol do Amazonas é o 3B e o Curumim. Só. Os clubes não fazem”¹⁷. Continuando na contramão da prática discursiva dos dirigentes manauaras, Paulo Radin critica a falta de trabalho de formação nos clubes profissionais de Manaus, alegando que o problema se deve à falta de interesse de se desenvolver um trabalho sério. Ele também relaciona o problema com o fato de que não são realizadas políticas públicas para tal:

Não tem. Primeiro é problema de gestão: não há decisão de fazer. Não tem. Aí não querem fazer porque vão gastar, porque não estão afim, porque vai tomar tempo, porque vão arrumar problema. Tem um monte de motivos aí. Na realidade ninguém quer se comprometer. As pessoas não querem se comprometer. E isso é um ciclo histórico. Você tem que quebrar isso. E aí você precisa de política pública. Não é dinheiro público. Dinheiro público não vai resolver. Dinheiro público vai piorar a situação. Porque se você der dinheiro público pra isso, você vai ter aves de rapina voando em cima¹⁸.

Observamos enunciatórios implícitos no discurso de Radin, os dirigentes desonestos, chamados por ele de “aves de rapina” e novamente referenciados por ele no trecho a seguir como “mãos bastante conhecidas”

ou “largas mãos”. Radin também realiza uma reversão de enunciatórios, quando faz, com um *ethos* irônico, uma autoavaliação como “idiota” por não ter roubado o dinheiro público que lhe foi disponibilizado para investir no Holanda. É inclusive a apropriação do dinheiro público pelos dirigentes do futebol amazonense a maior crítica que Radin faz às práticas de seus oponentes, afirmando que todos, exceto ele próprio, embolsam o dinheiro fornecido pelo governo:

Por que não serve você dizer “o governo vai dar dinheiro pro clube fazer isso”, vai sumir este dinheiro e não vão fazer. Não tenha dúvida. Eu diria pra você que isso vai acontecer em 150% dos casos. [...]. Eu sou um crítico contundente. Não dá pra reclamar porque o governo não deu dinheiro. Você não fez a sua parte. Eu fui, fui, fui com o Holanda, não tinha mais condição de andar, mas eu ganhando, ganhando, ganhando, ganhando, fui dando um jeito; eu comprometi meu patrimônio, arrumei dinheiro emprestado. Eu fui à luta. E estava conseguindo resultado. Então eu cheguei lá no governador: “governador, até aqui eu vim. Eu estou representando o Amazonas. Eu estou sozinho e não tenho mais fôlego, eu não tenho mais oxigênio. Mas eu só fui lá quando não tinha mais jeito. E eu tinha resultado. Eu fiz um trabalho que tinha resultado. A minha base era toda daqui, era local, trabalho descente, trabalho sério; um clube sem dívida, sem comprometimento, sem vícios. “O que você precisa?”. “Eu preciso disso, assim, assim, assado”. “Está autorizado”. E eu tive ajuda do governo do estado. Chegou tarde? Chegou tarde. Se tivesse vindo 15, 20 dias antes, a gente estava aí fazendo festa. Com certeza a gente ia disputar o título da Série C. Com certeza. [...]. O dinheiro que o clube recebeu no convênio com o governo do estado foi integralmente aplicado nas necessidades da equipe, do clube. Nem um único centavo saiu por outro lado. [...]. Mas eu digo pra você que eu sou um idiota, que é a exceção. Porque se esse mesmo dinheiro tivesse caído em outras mãos bastante conhecidas, largas mãos e todas elas bem conhecidas, teria uma equipe lá de terceira linha, salariozinho de quinhentinho pra cada um, não sei o que... Vai sobrar a metade e enche de nota e acabou, e aprova e o dinheiro vai pro bolso. Um carrinho novo, não sei o que, coisa deste tipo. Então, dar dinheiro, botar dinheiro num clube não é solução¹⁹.

Apesar de Radin se afastar em alguns momentos do discurso dos demais dirigentes do futebol do Amazonas, ele utiliza alguns elementos próprios da formação discursiva dos profissionais do futebol amazonense. Radin, nas entrelinhas de seu discurso, trabalha com uma ética dupla. Diz-se contrário à utilização do recurso público em clubes profissionais de futebol, mas admite ter pedido e recebido recursos do governo do estado. Além disso, defende que tais recursos não resolvem os problemas dos clubes, mas assegura que, se o dinheiro público tivesse chegado semanas antes, o Holanda disputaria o título da Série C. Já o discurso de Ivan

Guimarães – permeado por um *ethos* pessimista e que denota impotência –, atribui à situação geográfica de Manaus e da Amazônia as principais dificuldades administrativas e de exposição à mídia do futebol amazonense.

Nós, fora da Série B, não somos vistos. O nosso jogo não aparece em nível nacional. O futebol do Amazonas não passa. Aqui tem gol bonito. Tem gol de placa. Tem gol de tudo que tem aí pelo Brasil, mas ninguém sabe, porque não é mostrado. E quem não é visto não é lembrado. Então, é por isso que o Amazonas é esquecido. Por que ninguém vê. Nós temos bons jogadores? Muitos. Temos bons jogadores aqui; jogadores que jogariam em qualquer equipe do futebol brasileiro, mas infelizmente eles estão em uma região difícil²⁰.

Ao contrário de Ivan Guimarães, que apesar dos maus resultados em campo, diz ser o futebol amazonense tão bom quanto o do restante do país, Maneca não acredita que o futebol amazonense tenha tanta qualidade. Para ele, os estádios estão vazios e o futebol está deficitário não apenas por problemas externos, mas, principalmente, pela falta de credibilidade do futebol amazonense perante os torcedores e profissionais. Mesmo assim o dirigente apresenta um *ethos* discursivo otimista:

E com isto [dificuldade de captação de recursos] o futebol perde a credibilidade dentro do campo. Porque se você não apresentar qualidade dentro do campo, o torcedor não vai ao estádio. Se não vai ao estádio, não prestigia, então, evidentemente, se forma esta corrente existente: o torcedor não vai porque o futebol é de baixo nível e o futebol é de baixo nível porque o torcedor não vai. Então nós estamos querendo resgatar isto. Porque eu, quando da minha primeira passagem pela presidência, em que eu assumi dia 13 de janeiro de 1975 e larguei dia 13 de janeiro de 1983, estávamos na primeira divisão do futebol brasileiro e assim continuamos durante toda esta época. E os nossos clássicos aqui – Nacional e Rio Negro – não davam menos de 30.000 pessoas em cada jogo. Todo jogo era casa cheia. Por quê? Por causa da credibilidade e dos resultados conquistados contra equipes de outros estados. E é nisto que nós queremos chegar. Chega em uma Série C agora; ganhamos; conquistamos um espaço; chegamos ao octogonal final. No octogonal classificaremos entre as quatro principais equipes para a Série B. Evidentemente, que isto nos dará uma credibilidade muito grande e o povo voltará ao estádio com certeza, porque Manaus é uma capital com dois milhões de habitantes. E com dois milhões de habitantes e do jeito que brasileiro gosta de futebol, ele passará, voltará a torcer por uma equipe da terra. Diferentemente do que ocorre hoje que a maioria da população vive sonhando com os clubes do Rio de Janeiro e grande parte da população usando nas ruas a camisa do Vasco, do Flamengo, do Fluminense e do Botafogo²¹.

A legitimidade do discurso dos dirigentes é óbvia dado o processo de eleição – peculiar a cada clube – para a instituição de seus presidentes ou diretores. No entanto, um fator chama especial atenção que é a relação

existente entre o sujeito e a estrutura (instituição futebolística). Partindo da leitura de Foucault (2007a) – que a instituição praticamente impõe uma tradição discursiva ao sujeito – e de Bourdieu (1996) – de que cada cargo exige um discurso –, os discursos dos dirigentes do futebol amazonense não poderiam ser muito diferentes deste padrão observado. No entanto, em alguns momentos, observa-se claramente a fala do sujeito que, apesar de discursar como dirigente, deixa transparecer sua individualidade. Este *conflito* entre sujeito e instituição pode ser observado no discurso de Maneca, ao falar em sua importância na história do Nacional, em seus projetos na sua volta ao clube e no que chama de “imposição” de assumir a presidência devido ao seu passado:

Temos, ao longo da história do clube, procurado dar ao Nacional tudo aquilo que o Nacional merece. Na época que eu estava na presidência, o clube integrava a primeira divisão do futebol brasileiro. Tivemos a participação de vários atletas que se revelaram a nível nacional [...]. E o Nacional esteve sempre no ápice do futebol do Amazonas. Agora eu voltei à presidência do clube, quase que em uma imposição de vários diretores do clube – que achava que devido a minha performance, a minha trajetória, seria bom para o Nacional se eu voltasse, pela credibilidade existente. Eu voltei. Conquistamos mais um título regional: o quadragésimo título de campeão amazonense de futebol. E diga-se de passagem: destes 40 títulos, eu tive participação em 15 deles – uma como atleta do time profissional, mesmo sendo amador; e os outros como dirigente. Então me sinto plenamente satisfeito e estou procurando agora, nesta nova administração, dar ao Nacional aquilo que o Nacional bem merece e que a torcida espera, que é subir novamente: primeiro galgar o degrau e chegar a Série B neste ano de 2007 e, em 2008, se Deus quiser, conquistar nosso espaço na primeira divisão do futebol brasileiro²².

No discurso de Ivan Guimarães, tal conflito também fica evidente. Ao ser perguntado se era nacionalino ou sãoaimundense, o dirigente titubeou ao falar sobre sua preferência individual, mas logo se assujeitou afirmando ser um desportista a serviço do bem do futebol amazonense. No entanto, ao final de sua resposta – como em todo seu discurso – lamentou sua importância individual de mudar uma situação que julga praticamente imutável:

Eu diria que eu tenho este conflito. Talvez eu não tenha... Eu costumo dizer para o torcedor – num tom até de brincadeira – que eu saí do Nacional e escolhi o São Raimundo porque os dois são azuis e brancos. Então, eu gosto das cores azul e branca. Além de ser dirigente do São Raimundo e de ter sido dirigente do Nacional, hoje eu sou um desportista. Eu faria de tudo que pudesse – ainda que não fosse no São Raimundo, que fosse no Sul América, no Liber Morro – para ver o futebol do Amazonas numa posição de destaque a nível nacional. Eu gostaria muito de

fazer isto. Infelizmente, eu talvez não tenha a força necessária para fazer o que eu tenho vontade. A minha vontade era essa, mas eu, infelizmente, não tenho condições para isto²³.

O conflito de Paulo Radin se manifesta na maneira “involuntária” como se tornou dirigente de futebol. Apesar de falar como tal, assumir a formação discursiva e desempenhar o papel, Radin, ao mesmo tempo em que se vangloria de seus resultados, se diz praticamente tomado pela instituição – que lhe impôs a condição de dirigente:

Apareceu a possibilidade uma experiência com a Série B do futebol do Amazonas, que ia ser laboratório. E eu me inscrevi, o pessoal deu corda e eu me inscrevi para participar. Aí de repente já não era mais laboratório, ia ter acesso. Eu juntei um grupo que veio do Peladão. O técnico é esse que está no Rio Negro, hoje, o Carlos Prata. Era basicamente o time que está no Rio Negro hoje e que vai subir com certeza. Basicamente não. É o time que está no Rio Negro hoje. Aí a gente foi campeão da Série B, fomos campeão da Série A e jogamos o Campeonato Brasileiro [da Série C]. Aí eu virei dirigente de futebol profissional, presidente de clube profissional. Eu nunca me imaginei fazendo isso na vida. Nunca me passou pela cabeça isso. Nunca tive essa pretensão. Nunca quis fazer isso²⁴.

Destacamos alguns enunciatórios implícitos nos discursos dos dirigentes. Os torcedores são um deles. É possível dividi-los entre os de clubes amazonenses e os de clubes de fora do estado. Sobre os torcedores locais, todos dizem ter boas relações, sendo que Paulo Radin se surpreende com a existência de torcidas organizadas do Holanda, mas não menciona nenhuma relação direta com estas; Maneca prefere fazer reuniões com torcedores para “juntar forças”; enquanto Ivan Guimarães prefere “dar” aos torcedores “autonomia para criticar”. Entretanto, as declarações sobre os torcedores de clubes cariocas é que são mais interessantes. Ivan Guimarães se queixa de que “o público amazonense é muito mais carioca que amazonense”²⁵ e critica a falta de valorização das coisas locais pelos amazonenses:

É um público que não é aquele público que nasceu aqui. Então a preferência deles é sempre pelo outro estado, pelo futebol de fora. O público amazonense é muito mais carioca que amazonense. Quando joga o Flamengo e o Flamengo é campeão, Manaus vira uma festa. Você não consegue andar nas ruas. Vasco, Flamengo, Botafogo... Quando o São Raimundo, o Nacional ou uma equipe daqui é campeão amazonense, não acontece nada. Então você tira por aí a diferença. Então o amazonense é muito carioca. Ele gosta muito do futebol do Rio de Janeiro. Eu costumo dizer que nós amazonenses – e eu me incluo nisto – nós não damos valor para o que é nosso. Nós precisamos valorizar mais o que é nosso. E, no caso, nosso futebol poderia ser mais valorizado do que é pelo nosso torcedor²⁶.

A mídia também é fortemente criticada por reforçar esta valorização do futebol de fora. A imprensa local é acusada pelos dirigentes de ser preguiçosa, tendenciosa, corrupta, amadora e de não prestigiar o futebol local. Em tom irônico, Ivan Guimarães diz que o futebol amazonense tem espaço na mídia local, mas depois admite que o futebol local não traria retorno financeiro à mídia. Mesmo assim, atribui a responsabilidade ao torcedor:

Ela [mídia] dá um espaço para nós. Nós temos jornais que têm oito páginas de futebol. Meia é para nós, as outras são para o futebol nacional. Aí está uma resposta de por que o torcedor também... Você abre o jornal e a primeira manchete é sempre do Flamengo; sempre é do Vasco; sempre é de um time que está em evidência nacional. E eu não sou contra não, porque quem compra jornal é o torcedor. Se ele não vai para o estádio prestigiar o São Raimundo, o Nacional, o Fast e o Rio Negro, por que ele vai dar uma capa de jornal em uma página de esportes para nós que não levamos público nem pro estádio? Será que ele vai vender o jornal dele? Eu te garanto que quando ele abre a página com um Flamengo, ele vende mil vezes mais do que ele vende quando põe uma outra equipe qualquer do futebol brasileiro. Se ele põe o Vasco, ele vende um pouquinho menos. E assim sucessivamente. Mas nós temos nosso espaço em todos os jornais locais. Todas as equipes, principalmente, que estão na Série C – São Raimundo, Fast e Nacional – sempre têm o seu espaço nos jornais, mesmo na página de dentro. Mas temos. É o que nós podemos ocupar. O que nós damos de retorno para eles é aquilo. O local que nós temos para ocupar é aquele, porque o nosso retorno só cabe ali naquela página do jornal²⁷.

Maneca já é mais direto em suas críticas à mídia, mas poupa o torcedor. Segundo ele, o torcedor não procura as notícias do futebol local, pois os clubes não passam confiança e não conseguem empolgar o público:

A imprensa daqui precisa se profissionalizar mais. Se você prestar atenção, os principais jornais da capital divulgam muito mais o futebol carioca do que o amazonense e isto realmente precisa mudar. E para mudar nós temos que ter a confiança do povo, que aí a própria imprensa buscará seu espaço. E quem não buscar seu espaço não conseguirá vender seu jornal. [...]. É a lei do menor esforço. A imprensa de Manaus não precisa ir atrás das notícias do futebol local para vender o jornal. Então é muito mais fácil pegar na internet, pegar nas agências publicitárias [de notícia], em que a matéria já vem pronta e que não precisa investir em uma equipe para cobrir os treinamentos, para divulgar... Ainda não houve esta necessidade. No dia que a imprensa sentir que haverá necessidade de formar equipes para divulgar os clubes, se não eles perdem espaço, será feito, como já foi feito no passado²⁸.

Paulo Radin não contesta apenas o conteúdo e o caráter mercadológico da mídia, mas acusa parte da imprensa de corrupta e tendenciosa:

Quando você começa a vencer, quem te derruba não é quem está em cima. Quem está embaixo é que se agarra no seu tornozelo e te puxa. [...]. Então, nos últimos dias, inclusive, tem imprensa. Os caras falam um monte de besteira, um monte

de merda a respeito de uma série de coisas que... Eu tenho meus princípios. Eu os defendo. Sou muito transparente, sou muito aberto. Eu falo mesmo. Não tenho rabo preso com nada nem com ninguém. Não tenho compromissos escusos. Não estou preocupado com isso. Então vem chumbo de todo lado. [...]. Você pega numas páginas de jornais e o neguinho lá quer me arrumar briga. Na realidade, se eu tivesse dado um dinheirinho pra essas pessoas; aí você dava uns cinco mil pra outro, uma passagem pra um viajar e assistir o jogo lá em Belém, lá não sei onde; esses caras não estavam me enchendo o saco²⁹.

A má administração do futebol profissional e a falta de perspectivas quanto ao trabalho das categorias de base contribuem para que o futebol profissional de Manaus não consiga se inserir de maneira significativa na vida cotidiana dos habitantes locais. A estruturação identitária é deslocada, na maioria dos casos, apesar de distante fisicamente, para o espaço de representação do futebol carioca, pois este se constitui como realmente significativo, como um referencial simbólico através do qual se constroem territorialidades. Os torcedores se nutrem das representações sociais veiculadas na mídia, desterritorializam o futebol carioca e o reterritorializam, na perspectiva de Haesbaert (2004), no Amazonas, através do desfile com camisetas nas ruas, das comemorações nas vitórias, entre outras manifestações. Entretanto, isto não significa que o futebol local não tenha importância na produção do espaço de Manaus e do Amazonas, mas evidencia uma crise – que pode ter se instaurado há décadas, mas que se intensifica a partir da metade da década de 2000 e se estende até hoje.

6. Considerações finais

Neste artigo buscamos analisar os discursos *do* e *sobre* o espaço de atores socioespaciais do (*Terceiro*) espaço do futebol do Amazonas. Tal análise demonstrou que os discursos dos dirigentes (e do treinador) se enquadram em uma formação discursiva típica dos profissionais de futebol do Brasil, mas que, mesmo assim, possuem peculiaridades. Estas estão ligadas ao seu lugar (contexto do qual eles falam e posições que ocupam), mas também pela inserção (ou falta de inserção) no espaço do futebol do Amazonas. Em outras palavras, o discurso dos entrevistados pouco age *sobre* o espaço do futebol do Amazonas (apesar da importância deles na política institucional), pois eles têm dificuldade de agir sobre a dimensão do concebido, das representações

do espaço (já que não conseguem mudar a situação do futebol Amazonense, o que hoje está evidente, e que esta instância de imposição de ordem é operada em grande medida fora do Amazonas, sendo que o clubismo amazonense praticamente responde a fatores exógenos, como a forte presença do universo simbólico do futebol carioca). Portanto, os discursos analisados são sobretudo *sobre* o espaço, ou seja, se inserem na dimensão dos espaços de representação e, apesar de impregnados de uma rica carga simbólica, acabam se manifestando como subterrâneos, pois buscam se opor a uma dada dominação das representações do espaço.

Outro aspecto que merece destaque é a forte dimensão territorial nos discursos analisados expressando tanto dominação (quando se referem a forças políticas e econômicas externas e locais) quanto apropriação (de elementos do universo simbólico), formando, assim, territorialidades. O território não é utilizado apenas como um recorte espacial, mas como um *agente* – falar do futebol no Amazonas apresenta peculiaridades. A falta de pregnância dos elementos do universo simbólico do futebol amazonense entre os próprios torcedores (ou potenciais torcedores) de Manaus faz com que a posição da cidade na hierarquia urbana brasileira pouco contribua para o fortalecimento do futebol local. Mais do que isso, nos dizeres dos entrevistados, estar em Manaus pesa contra os clubes tanto por questões ligadas a epistemologias do Primeiro e do Segundo Espaços (como a localização de Manaus e a baixa integração por redes de transporte e, em menor medida, de comunicação), quanto ligadas a epistemologias do Terceiro Espaço (como, simbolicamente, a desvalorização do futebol local pela mídia e pelos torcedores e a valorização do futebol *de fora*, sobretudo do Rio de Janeiro; a necessidade de disputar um campeonato estadual deficitário; e as relações, segundo os entrevistados, de interesse escusos que permeiam o universo simbólico do futebol do Amazonas).

Concluimos chamando a atenção sobre a necessidade de realização de outros estudos em Geografia – analisando discursos ou outros dados (sobretudo simbólicos) espaciais – sobre o futebol em Manaus, no Amazonas e em outras cidades e estados do Brasil. A ciência geográfica, a partir de uma visão espacial, tem muito a contribuir para compreender o futebol como elemento da dialética de Soja (1996) Espacialidade-Historicidade-Socialidade, o que permite uma melhor compreensão da produção do espaço em diversas escalas.

Notas

- ¹ Vitória, Florianópolis e Campinas mudaram da categoria de capital regional no Regic 2007 para metrópoles no Regic 2018.
- ² Na maior parte das temporadas em que Nacional e Rio Negro participaram da primeira divisão do futebol brasileiro, a classificação ocorria a partir do campeonato estadual (o estado do Amazonas tinha pelo menos uma vaga garantida).
- ³ A última vez que o Rio Negro jogou a Série A do Campeonato Brasileiro foi em 1983 e o Nacional foi em 1986. O Rio Negro não consegue disputar a Série B desde 1991, as Séries C e D desde 2006. O Nacional chegou a jogar a Série B em 2000 e 2001, jogou a Série C cinco vezes entre 2002 e 2007 e a Série D seis vezes desde 2009, mas não conseguiu acesso em nenhuma destas temporadas.
- ⁴ CBF. **Ranking nacional das federações 2008**. Disponível em: <http://www.cbf.com.br/ranking/ranking_uf.pdf>. Acesso em 04 de fevereiro de 2009.
- ⁵ CBF. **Ranking nacional das federações 2020**. Disponível em: <https://conteudo.cbf.com.br/cdn/202002/20200204161958_428.pdf>. Acesso em 11 de agosto de 2020.
- ⁶ CBF. **Ranking nacional de clubes 2008**. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/ranking/ranking.pdf>>. Acesso 04 fev. 2009.
- ⁷ _____. **Ranking nacional dos clubes 2020**. Disponível em: <https://conteudo.cbf.com.br/cdn/202002/20200204162017_498.pdf>. Acesso em 11 de agosto de 2020.
- ⁸ IBOPE. **Pesquisa de opinião pública sobre torcidas**. Disponível em: <[http://www2.ibope.com.br/CalandraKBX/filesmng.nsf/Opiniao%20Publica/Downloads/imprensa_torcidas_1_mencao.pdf/\\$File/imprensa_torcidas_1_mencao.pdf](http://www2.ibope.com.br/CalandraKBX/filesmng.nsf/Opiniao%20Publica/Downloads/imprensa_torcidas_1_mencao.pdf/$File/imprensa_torcidas_1_mencao.pdf)>. Acesso em 11 de maio de 2019.
- ⁹ GLOBOESPORTE. **Torcida de times locais é apenas 0,5% da população de Manaus, diz pesquisa**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/am/futebol/noticia/2017/02/torcida-de-times-locais-e-apenas-05-da-populacao-de-manaus-diz-pesquisa.html>>. Acesso em 11 de agosto de 2020.
- ¹⁰ GLOBOESPORTE. **Fla e Vasco têm 65,3% da torcida do AM, diz pesquisa; Naça é líder local**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/am/futebol/noticia/2017/01/fla-e-vasco-tem-653-da-torcida-do-am-diz-pesquisa-naca-e-lider-local.html>>. Acesso em 11 agosto de 2020.
- ¹¹ GUIMARÃES, Ivan. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.
- ¹² CHAVES NETO, Manoel do Carmo. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 jun. 2007. Informação verbal.
- ¹³ GUIMARÃES, Ivan. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.
- ¹⁴ SILVA, José Luiz Carlos da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 jun. 2007. Informação verbal.
- ¹⁵ GUIMARÃES, Ivan. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.
- ¹⁶ PRATA, Carlos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 28 set. 2008. Informação verbal.
- ¹⁷ SOUZA, José Paulo Radin de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 25 set. 2008. Informação verbal.
- ¹⁸ SOUZA, José Paulo Radin de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 25 set. 2008. Informação verbal.
- ¹⁹ SOUZA, José Paulo Radin de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 25 set. 2008. Informação verbal.
- ²⁰ GUIMARÃES, Ivan. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.
- ²¹ CHAVES NETO, Manoel do Carmo. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 jun. 2007. Informação verbal.

- 22 CHAVES NETO, Manoel do Carmo. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 jun. 2007. Informação verbal.
- 23 GUIMARÃES, Ivan. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.
- 24 SOUZA, José Paulo Radin de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 25 set. 2008. Informação verbal.
- 25 GUIMARÃES, Ivan. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.
- 26 GUIMARÃES, Ivan. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.
- 27 GUIMARÃES, Ivan. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.
- 28 CHAVES NETO, Manoel do Carmo. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 jun. 2007. Informação verbal.
- 29 SOUZA, José Paulo Radin de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 25 set. 2008. Informação verbal.

Referências

- BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Editora da USP, 1996.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2007a.
- _____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007b.
- GALLEGO CAMPOS, F. R. Geografia do futebol das cidades médias brasileiras: relações entre sucesso esportivo características urbanas. **Terr@ Plural**. Ponta Grossa, n. 14, p. 1-21, 2020.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- IBGE. **Região de influência das cidades - 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.
- _____. **Região de influência das cidades - 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.
- LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.
- _____. **Critique of everyday life – volume 1**. London: Verso, 2008.
- _____. **La presencia y la ausencia**. México: FCE, 2006.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1989.
- MAY, T. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. São Paulo: Artmed, 2004.
- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2006.

_____. **Semântica e discurso**. Campinas: Unicamp, 1997.

SHIELDS, R. **Lefebvre, love and struggle**: spatial dialectics. London: Routledge, 1999.

SOJA, E. W. **Thirdspace**. Oxford: Blackwell, 1996.

THÉRY, H. Futebol e hierarquias urbanas no Brasil. **Mercator**, Fortaleza, v. 5, n. 9, p. 7-16, 2006.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

Entrevistas

CHAVES NETO, Manoel do Carmo. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 jun. 2007.

GUIMARÃES, Ivan. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 jun. 2007.

PRATA, Carlos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 28 set. 2008.

SILVA, José Luiz Carlos da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 jun. 2007.

SOUZA, José Paulo Radin de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 25 set. 2008.

Recebido em: 26/08/2020

Aceito em: 17/09/2020